



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O PROTAGONISMO ENQUANTO ESTRATEGIA DO EDUCADOR.

Wagner de Oliveira Thomaz

Conselheiro Tutelar no município de Jandira, graduado em Psicopedagogia no ano de 2008, e mestrando pelo Centro Universitário FIEO.

E-mail: wagnerot@ig.com.br

Acredito que muito mais do que dizer do ponto de vista teórico o que é protagonismo é necessário descrever as experiências dos adolescentes e suas relações com o mundo. Neste contexto por meio de um relato de experiência vivenciado no município de Jandira entre um educador e um educando nos possibilite extrairmos uma concepção mais emancipadora, além de nos permitir problematizar as práticas constituídas a partir do enunciado do protagonismo nas ações com crianças e adolescentes nos mais variados projetos de educação e participação social, nas esferas do Estado e das organizações não governamentais. O conceito de protagonismo “ emerge de textos e documentos legais de organismos internacionais e de projetos de organizações não governamentais, a partir da segunda metade da década de 1980, o protagonismo juvenil abrange diferentes ações que tem como atores os próprios jovens (CALIL,Stamato, 2008, pg. 03).

Se tratando do surgimento deste conceito a partir de práticas e de uma realidade social da juventude é fundamental para o educador numa sociedade Capitalista sobre tudo no contexto atual que tudo se volta para o consumo compreender a perspectiva da ação de adolescente nos contextos das relações humanas.

Descobri na prática, em meu trabalho com esse público, que ao educador cujo projeto pedagógico é a construção de espaços de participação de adolescentes é necessário descobrir quais são as energias que movem esses adolescentes na vida e no cotidiano, quais são seus sonhos e desejos. Desvio, indisciplina e agressividade, e outras reações dos adolescentes, podem ser pedidos de socorro, estratégias de sobrevivência e devem ser mobilizados para um projeto político pedagógico. Entretanto na história sempre houve nas práticas pedagógicas uma intencionalidade



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de responsabilização do menor “ responsabilizando-o de alguma forma, por sua sina e classificando pelos rótulos de marginais, trombadinha, delinquente, abandonado” (SOUZA Neto, 2009). Estas praticas não reconhecem o desvio enquanto uma resistência a este modelo produzido pela sociedade, mas sim como uma manifestação de ameaça a ordem social.

Neste trabalho discutimos o enunciado e a pratica do protagonismo, como proposta de ocultar as desigualdade sociais, escamotear as relações históricas da classe dominante com a classe subalterna. Atualmente o discurso do protagonismo se alimenta da prerrogativa de mercadoria, pois potencializar os chamados excluídos da sociedade é uma possibilidade de potencializa-los para a manutenção do mercado, é por isto que o mesmo adentra as praticas sociais pela via da educação, sendo ela aplicada no contexto da escola, bem como nos espaços fora da escola enquanto proposta de potencializar a participação do jovem, do adolescente em um modelo neoliberal.

Referente aos adolescentes em situação de vulnerabilidade, onde envolve o luto, o abandono “ a criança e o adolescente têm necessidade de compreender o porquê de sua situação, para que não se sintam culpados e abandonem o protagonismo de suas biografias. Um bom formador poder ajudar. (Souza Neto, 2007). É por esta perspectiva que este trabalho tende retratar e problematizar neste relato de experiência o enunciado do protagonismo enquanto processo de emancipação e autonomia, porém é necessário abandonar a palavra protagonista para assumirmos o engajamento do sujeito na autoria de uma outra historia, transformando a sua vida e buscando por meio deste engajamento transformação do mundo.

É na biografia de cada um, que está o sentido da existência, é a partir dela que se constitui a relação que dualiza a realidade opressor e oprimido, portando ao educador comprometido com a ética é necessário a ele problematizar sobre nossas experiência de educação? Se numa realidade hegemônica, a onde as relações estão voltadas para dominação do outro é possível encontrar estratégias para á transformação da realidade opressora para uma realidade de emancipação e autonomia do sujeito.

Como referencial teórico para a problematização utilizaremos a teoria de Paulo Freire e o aporte teórico da Pedagogia Social como epistemologia para construção sobre a prática desta visão, de “ protagonismo”, enquanto processo de emancipação e autonomia do educando e do educador.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Neste trabalho estas problematizações se da partir da construção de um processo relacional entre um educador e um educando no município de Jandira, que a partir do encontro busca em suas vivências históricas testemunhos de vida, mecanismo para a construção de instrumento que possibilite compreender sua situação no mundo, despertando a consciência de se engajarem na construção de um projeto de libertações da situação que os desumanizam e os destituem do direito de serem mais.

A AMBIGUADADE DO CONCEITO E DA PRÁTICA DO PROTAGONISMO JUVENIL.

O protagonismo Juvenil conceito que emerge entre as décadas de 80 e 90, discutidos por muitos autores, pedagogos, organismos internacionais como; “conceito, ação e estratégia” no qual refere-se a participação e formação do jovem (CALIL 2008). Portanto estes o concebe como “ fortalecimento do poder do jovem enquanto ativo, participante na transformação política e social (CALIL, 2008). Está visão se desdobrar entre fenômeno social, e etimologia da palavra e evolui como novas possibilidades de participação e valorização da juventude na sociedade, principalmente no Brasil e em diversos países da América Latina .

Emergido no cenário político e econômico no final da década de 1980, a expressão protagonismo juvenil tem sido recorrentemente utilizado em textos e documentos legais de órgãos de governo, em projetos de organizações não governamentais, nas propostas de financiamento, em depoimento de líderes de grupos juvenis, e encontro, congresso e seminário (CALIL, 2008, pg,56)

Colocado como possibilidade de potencialização da juventude o enunciado ganhou cenário e vem permeando diversas ações; tanto do Estado quanto de ONGs, suas diretrizes vem se sustentando em um modelo estratégico e político para com a juventude, mas se tratando de um enunciado que mobiliza ações e estratégias, pode ter em sua natureza conceitual uma realidade dúbia; Uma que pode ser voltada no sentido Freiriano no qual as bases de realidade onde se constrói as mais múltiplas biografias e que podem serem problematizadas para a libertação do oprimido e do opressor. Como corrobora Graciane (2009).

Os excluídos contribuíram com sua Pedagogia própria, suas crenças, valores e principalmente historias de migração, de subsistência e sobrevivência em territórios áridos, propiciou que produzissem, não discursos abstratos e sem consciência empírica concreta, mas um discurso vivo,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

plástico, estético e poético, baseado na vida. Discursos plenos e transbordantes de metáforas, onde não escrevem ou moldam conceitos, mas denunciam fatos, acontecimentos existências carregados de emoção, profundidade ética.

A estas experiências do povo, pela resistência a dominação “ somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de cria-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restaurados de sua humanidade em ambos” (Freire, 1970,pg.16).

Nesta perspectiva descrita acima as experiência existencial se coloca enquanto processo de busca por ser mais em uma realidade a onde historicamente foi negada aos oprimidos pelos opressores.

Não só negada, mas também deturpada, transformada em instrumento de desumanização. Na historia e na cultura da resistência do povo. Na luta do povo por sua libertação este movimento sempre existiu, porém, os grupos dirigentes, os opressores sempre encontraram por meio da filosofia e da ciência meios para capturar a potencialidade e a criatividade humana, ao capturar os mesmos as transformam e as transformam em instrumento de dominação, transformadas são nomeadas por meio de conceitos que os mesmos propagam as massas nas práticas de educação bancaria, que atualmente serve para manutenção do capital e da realidade opressora. A estas experiências à dubiedade consiste entre os movimentos e as manifestações populares no senso comum e a instrumentalização destas experiências pelos intelectuais. Gramsc problematiza esta realidade a partir de uma “ unidade entre teoria e pratica” no qual é construída no contato dos intelectuais com os simples.

Um movimento filosófico só merece este nome na medida em que busca desenvolver uma cultura especializada para restritos grupos de intelectuais ou, ao contrario, merece este nome na medida em que no trabalho de elaboração de um pensamento superior ao senso comum e cientificamente coerente, jamais se esquece de permanecer em contato com os “simples” e, melhor dizendo, encontrar neste contato a fonte dos problemas que devem ser estudados e resolvidos? Só através deste contato é que uma filosofia se torna “ histórica”, depura-se dos elementos intelectualista de natureza individual e se transforma em “vida” (Gramsc, 1984,pg. 18)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A dubiedade aparece na relação teoria e prática os intelectuais em sua maioria utilizou das experiências e do conhecimento do senso comum para saciarem os seus interesse enquanto grupos para a exploração dos simplórios. Ao resgarmos a questão da dubiedade nos referimos a está dialética entre luta pela libertação e processo para manutenção da opressão. Pois sobre a critica a historia, a está filosofia, e ao pensamento hegemônico se problematizaram uma contra hegemonia para transformação das relações humanas, neste contexto, Pestalozzi, Dulcel, Gramisc, Marx, Paulo Freire e outros foram intelectuais que no contanto com o senso comum, com os simplórios construíram “ por meio da filosofia da práxis” “testemunhos”, conhecimento critico para superação “ da maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente, ou mundo cultural existente (Gramisc, 1984, pg.18). A educação social no qual utilizaremos neste trabalho enquanto embasamento teórico é fruto destas problematizações, se constrói a partir da colaboração do pensamento destes autores.

Por meio desta dubiedade, possivelmente nos espaços de educação social; os opressores buscam capturar as iniciativas de libertação, uma vez capturada ás instrumentalizam e utilizam como projeto de dominação e reprodução de uma educação bancaria, está pratica é comum e está dentro de todos educadores, pois todos os seres humanos produto e produtores carregam consigo a dualidade entre oprimido e opressor, por isto nos espaços de educação social, e de educação no sentido da pedagogia tradicional á educação bancaria é tarefa simples de se fazer e uma vez feita serve a está rede mundial desumanização do ser.

Neste trabalho identificamos o discurso do protagonismo e as praticas produzidas por meio deste discurso como instrumento feito e refeito por meio da educação para fortalecer as bases do sistema neoliberal, provedor da manutenção de um sistema produtor das desigualdades sociais, exploração e a dominação do outro.

Ao educador social que luta pela sua libertação e pela libertação do outro precisa problematiza a pratica e o conceito através da seguinte pergunta? No protagonismo está embutido a intenção de capturar a criatividade do educador e do educando, a desresponsabilização das pessoas no qual são responsáveis pela realidade das desigualdades sociais e para não buscarem soluções de transformações escamoteiam o anuncio de uma mudança, invertem o discurso e tenta responsabilizar os jovens e apontam no discurso e na pratica uma proposta de inclusão social e potencialização da juventude.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora, permanente, desta generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria. Daí o desespero desta “generosidade” diante de qualquer ameaça, embora ténue, à sua fonte (Freire, 1970,pg.17)

Outra pergunta para problematizar o discurso “o Protagonismo e suas práticas a partir do momento que criam para estes jovens mecanismos de sua participação tem como intenção a libertação ou somente a manutenção e a potencialização do que já esta posto. Souza (2008), problematiza o enunciado discutindo que a intenção do discurso é;

Diluir os conflitos e neutralizados as ameaças juvenis, provenientes tanto do antigo “menor” quanto do “ estudante” radical, foi possível a emergência de um discurso que incentiva a juventude a fazer politica. Mas não a mesma juventude e nem a mesma politica: a noção ampliada e homogenizadora de juventude conjugou-se a uma noção restrita de politica, concebida como fazer coisas e defender interesses , (pg.42)

Neste contexto é preciso compreender por meio da historia os motivos que levaram os grupos dominantes a produzirem um discurso no qual incentiva praticas cuja a finalidade é o envolvimento da juventude como atores sociais. Tal reflexão nos possibilita capturar nas praticas do protagonismo um contexto dubio; das intenções dos grupo dominante com a massa e as possibilidades de transformação da realidade opressora por meio da educação social e do educador, entretanto é preciso se desprender da etimologia da palavra “ Protagonismo”. Pois a mesma é constituída na linguagem por um significado contraditório a uma educação libertadora no sentido Freiriano.

Na busca para compreender as práticas de educação bancaria acerca do protagonismo, sobre a luz do fenômeno sistematiza por Marx no qual explicitou para o mundo uma divisão de classe social, numa relação de desigualdades sociais entre o patrão e o proletariado e a perpetuação de um modelo dominante de relação, exploração e manutenção do acumulo do capital. (Gramisc, 1984) nos ajuda a pensar . “A filosofia de uma época histórica, portanto, não é senão a historia desta mesma época, não é se não a massa de variações que o grupo dirigente conseguiu determinar na



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

realidade precedente (32). Os recursos utilizados pelos grupos dirigentes neste processo se da pela cultura e pelos recursos de disseminação desta cultura “ educação”, constituída a partir de uma filosofia dominante no qual a sua única finalidade é a manutenção de uma sociedade desigual, que vampiriza do povo sua situação no mundo para manter seus interesses e seu conforto. Desta forma pensar os motivos no qual este conceito foi construído sobre o fenômeno da juventude se apropriamos de Gramsc sobre as “massas de variações que o grupo dominante conseguiu determinar na realidade precedente”, Se um determinado tempo histórico os jovens foram considerados radicais como nas décadas de 60, 70 e os adolescentes pobres considerados e conceituados como menores, pivetes, delinquente, atualmente num mundo globalizado se tornam consumidores, integrantes das chamadas tribos urbanas.

Nas ultimas décadas, o eixo das interpretações dos estudos sobre juventude deslocou-se da noção crise para a situação de exclusão e inclusão. Assim, a preocupação dos governos e dos organismos internacionais tem sido com a integração da juventude pobre, que vive uma situação considerada como de exclusão. Nos dias de hoje, o temor da desestabilização social advem da situação da pobreza e a exclusão de grande parte das explicações para adesão da juventude as drogas e á violência (Souza, 2008. Pg. 10)

Portanto estas variações no qual foi concebido o protagonismo se faz no sentido de diluir supostos conflitos e neutralizar supostas ameaças como afirma Souza, mas também como ferramenta de potencializa os interesses do mercado, qualificando novos consumidores para atender as necessidades de um novo modelo econômico. Nesta perspectiva;

O protagonismo juvenil está sendo tomado como dos enunciados possíveis de um discurso que prescreve um certo modelo de participação política, não só para a juventude, mas para todo o segmento da sociedade. Identificou-se uma matriz discursiva ou, em outros termos, um discurso explicativo do social, que concebe a sociedade como um aglomerado de atores sociais. Um discurso que homogeniza o social na medida que oculta a divisão de classe ou quaisquer outras: a sociedade seria composta por átomos, entre os quais não haveria relação de dominação, de poder ou exploração, mas de negociação (Souza, 2008,p.16)

Está é a mesma perspectiva do capitalismo, no qual todo individuo com o seu trabalho, formação e dedicação possuem condições reais de acumular capital e ter uma Ascensão social.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Mesmo que está Ascensão seja produtora de desigualdades, sociais, estabeleça uma perpetuação do modelo do opressor. Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do oprimido* contribui . “ os oprimidos, em lugar de buscar a libertação, na luta e por ela, tendem a ser opressores também, ou subopressores. A estrutura do seu pensar se encontra condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial, em que se “ formam”. (Freire, 1970, pg.17). A educação, a cultura hegemônica dos grupos dirigentes impões esta condição como realidade, onde o oprimido se encontra imerso. O discurso do protagonismo se constrói nesta realidade imersa e se propaga conforme contribui Souza (2008) para um “discurso que homogeniza o social” e “ oculta a divisão de classe”, as desigualdades sócias. Nesta concepção se o sujeito for capaz de negociar, ele é capaz de mudar com o seu grupo com qual negocia junto sua situação e a situação do grupo, mas ao fazer isto não muda as formas de relações, não há transformações, mas sim, mantém as mesmas condições relacionais deste mundo opressor e desigual.

Ao educador que luta pela libertação por este modelo já mais conseguirá transformar a realidade opressor e oprimido, pois como próprio Paulo Freire (1970) problematiza; “Como poderão os oprimidos, que hospedam ao opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor é impossível fazê-lo. (pg.17).

OS DISCURSOS E OS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO.

Entretanto para o educador que busca transformar as práticas do protagonismo materializadas por meio dos projetos pedagógico de uma educação bancária em uma educação social; se faz necessário a ele ter a clareza que na relação com o educando todos os meios e descobertas neste processo relacional devem serem problematizados para ambos fazerem “ da opressão suas causas objeto da reflexão dos oprimidos”. Este é o primeiro processo de reflexão crítica para ambos encontrarem no “engajamento a luta por suas libertações”. (Freire, 1970). Este principio é fundamental e deve estar presente na concepção do educador social, pois neste gigantesco universo das práticas; se incorpora por meio de instrumentos pedagógicos os projetos. “ os projetos tornaram-se a estratégia de trabalho comum as ONGs, e também fazem parte do contexto escolar, denominado “ projeto pedagógico”.

Os projetos se tornaram a engrenagem do ator social, é por meio deles que são construídos estes espaços a onde o sujeito se torna protagonista. No protagonismo a concepção de projetos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

enquanto prática se desenvolveu enquanto estratégia fundamental para instrumentalizar a participação da juventude no sentido de buscar soluções para resolver determinados problemas. Souza (2008) faz a crítica “que o sentido e a direção dessas práticas são firmados de antemão pelas organizações que as promovem” (pg.210). Se nas ações do jovem permeiam as concepções das instituições e não a dele mesmo, e nem mesmo a do educador enquanto sujeito histórico, os torna destituído da possível uma visão crítica, este fator se torna um complicador da autonomia, pois o sujeito parte para o engajamento a partir de uma ordem determinada e sobre um discurso que homogeniza, omite a realidade, desta forma;

O indivíduo não internaliza comportamentos prescritos externamente, não assume papéis previamente determinados, mas desenvolve uma atividade que, ela própria, funciona como mecanismo do poder. O poder não se exerce a partir do exterior sobre o indivíduo passivo, receptor de prescrições ou, pelo contrário, que resiste e se contrapõe; poder-se-ia dizer que o poder atual se exerce horizontalmente, encarnando que está na própria atividade de cada um dos indivíduos/atores sociais ativos. Invocar o protagonismo juvenil equivale, portanto a motivar o jovem a se transformar-se “no principal”, ator social, em outras palavras, no principal agente do poder que o controla. (Souza, 2008, pg.203)

Portanto sendo o contraponto ao protagonismo o engajamento deve ser muito mais do que um ato do sujeito para se mover-se, pois o mesmo deve o fazer “da opressão suas causas objeto da reflexão dos oprimidos”, este engajamento será emancipador e autônomo na medida que sua ação se faça a partir de uma reflexão “uma práxis” para a libertação do indivíduo de sua alienação cultural. Se o princípio desta luta consiste no engajamento que se faz a partir desta reflexão, que perpassa o modelo conceituado na prática protagonista o “ponto de partida parte das relações homens-mundo” que se “constituem a situação em que se encontram ora imersos, ora emersos, ora insertados. somente a partir desta situação, que lhes determina a própria percepção que dela está sendo, é que pode mover-se”(Freire, 1970,pg.42).

O protagonismo tende a desarticular esta possibilidade, pois por meio da aderência do educador que reproduz por meio de sua ferramenta educativa possibilidades do educando se tornar “agentes do poder que os controlam”, poder este como discutido acima tem suas diretrizes educacionais elaboradas pelas instituições, que por sinal pela relação mercadológica tem suas bases transformadas para atender os interesses dos agentes financiadores “grandes detentores do capital”



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

com a finalidade por meio dos discursos e das práticas homogeneizar o social na medida que oculta a divisão de classe, nega a "relação de dominação, de poder ou exploração". Porém ao educador social comprometido com sua libertação á;

A práxis político-educativa integral rebela-se contra todas as divisões- de classe, do trabalho, do saber etc. e propõe-se a desvendar e a desvelar com o educando os mecanismos e a lógica desse processo alienador e divisor, como ponto de partida para a criação de uma nova lógica integradora, autônoma do educando-sujeito da sua própria existência e de sua própria história individual e coletiva (Graciane, 2009, pg. 217)

Ao educador social que se encontrar no cotidiano do seu trabalho educativo imerso, emersos e inseridos nos projetos cuja "o sentido e a direção" já estão definidos pelas diretrizes das instituições no qual pertencem e pelas relações no qual suas instituições possuem com outros atores, órgãos, Estado, além do educando. Como problematizar a si, meio a esta imersão no qual se encontram? A está ação se faz necessário conhecimento, conhecimento que se diferencia da prática tecnicista de projeto, pois á " metodologia da Pedagogia Social não se restringe a técnicas, métodos ou estratégia de trabalho, mas se funda num processo de construção do conhecimento que se apropria criticamente da realidade para poder transforma-la (GRACIANE, 2009,pg.213). Este contexto se funda entre prática e teoria num movimento no qual problematiza de forma crítica a realidade.

Uma educação problematizadora capacita os oprimidos para perceber criticamente as injustiças sociais. Também irá capacitá-los a superarem sua falsa percepção de realidade, e o mundo tornar-se-á objeto de uma ação transformadora, a partir deles mesmos, que resulta na sua humanização. Uma educação problematizadora tem um caráter libertador. Freire se refere a esse caráter libertador da seguinte forma: "Educação de caráter libertador é um processo pelo qual o educador convida os alunos a reconhecer e a desvelar criticamente a realidade. (Gadoti, 1996,pg. 644)

É através da práxis que no processo educativo educador e educando que é possível a ambos a pensar o mundo e as relações do mundo com eles e deles com o mundo. "E nesta forma expressada de pensar o mundo fatalistamente, de pensá-lo dinamicamente ou estaticamente, na maneira como realizam seu enfrentamento com o mundo, se encontram envolvidos seus "temas geradores". (Freire, 1970, pg.56).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Pensar o homem como este ser que busca constantemente para existir é pensar o engajamento como atributo natural do homem; é algo que faz parte da condição natural dele, desde do seu nascimento. Pois como Freire (1970) problematiza na “Pedagogia do oprimido”, “a busca é um movimento indispensável em que estão inscritos os homens como seres inconclusos (18). Para Paulo Freire, engajar-se é um movimento natural e histórico do homem no mundo, mas que se faz e se concretiza nas relações dele com o mundo; diferenciado do protagonismo, o engajamento não é movimento inventado e sistematizado por um grupo de intelectuais, mas sim uma busca de um ser inacabado que busca por ser mais. Entretanto, esta busca natural do homem tende a ser capturada, destituída de sua criatividade e de sua problematização e como discutimos acima, esta busca é instrumentalizada, por meio de uma educação bancária. A cultura dominante serve a este propósito de dominação: alienar o homem de sua busca, para que não problematize a realidade. “Por isto mesmo é que, qualquer que seja a situação em que alguns homens proíbam aos outros que sejam sujeitos de sua busca, se instaura como situação violenta. “Não importa os meios usados para esta proibição”. (Freire, 43, 1970).

O ser, na busca por sua condição no mundo, teve, no primeiro momento, a destituição de sua humanidade, a culpabilização de sua tragédia, o aprisionamento e a deturpação de sua biografia, assim foram a vida de milhares de crianças e adolescentes no Brasil; atualmente modificaram o discurso não só capturando a resistência e a contestação deste movimento de desumanização, mas sim alienando ao ponto de reproduzir o discurso de poder pelo próprio sujeito, porém ele não é mais culpado, mas sim responsável, uma vez sendo, compete a ele mudar sua vida e alcançar as benditas oportunidades.

Tendo o engajamento como pressuposto natural ao homem na sua busca é possível pensar a prática prometida neste trabalho para se pensar a práxis.

O Testemunho da História de vida de Francisco “educador”.

Nasci no município de Jandira, sou de família simples, filho de mãe solteira e cresci na casa de meus avós. Porém, durante a minha infância e a adolescência enfrentei diversos problemas de ordem econômica, pois a minha família possui uma renda extremamente baixa, era tão pequena essa renda que necessitávamos sobreviver de doações de outras pessoas, tendo de ir aos domingos para o bairro da Lapa buscar essas doações, como sobras de comida, roupas, sapatos, cobertores.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Na minha casa moravam 08 pessoas, em um barraco madeira de dois cômodos; não havia água encanada, chovia dentro e o chão era de terra batida.

A minha família tinha muitas dificuldades de ordem econômica; nenhum dos integrantes da família havia terminado o Ensino Fundamental. Eu, durante as séries iniciais sofri muito na escola, pois os alunos me chamavam de “sujeira”, “favelado”, mendigo; me chamavam assim porque íamos com roupas rasgadas ou porque íamos sem tomar banho. A minha família tinha dificuldades para cuidar de nós; a maneira que eles aprenderam foi assim como descrevo neste relato. E, assim sendo, cresceram reproduzindo as situações que eles viveram na infância.

A situação me incomodava, pois o bairro mudava, as pessoas derrubavam suas casas de madeira e construíam de alvenaria, enterravam seus poços e mandavam encanar água, mas a minha família não conseguiu fazer como as outras pessoas do bairro. Eu acreditava que as minhas condições sociais me colocavam em uma situação e me faziam buscar uma forma de mudar, mas esta mudança devia ocorrer para mim e para minha família.

Busquei primeiramente nas condições materiais, sendo assim, parti em busca de emprego com os meus 14 anos de idade. Na época, eu pegava o trem e me dirigia para a cidade de São Paulo. Nesta busca, passei por centenas de agências e não conseguia trabalho. Muitas vezes minha caligrafia não ajudava, pois preenchia a ficha com diversos erros de português. Atualmente, compreendi que o problema era dado pela falta de emprego para os jovens. Eu precisava vencer a minha realidade, por diversos momentos cheguei a atribuir a culpa à minha família. Mas em um determinado momento da minha vida encontrei no grêmio estudantil uma possibilidade simbólica de mudar a minha realidade, de me mostrar capaz de vencer as dificuldades impostas pela vida.

No processo de implantação do grêmio, me assumi como pessoa capaz, pois era eu que trazia para a escola aquela novidade; sendo assim, perdi o medo de falar, de me expressar, deixei o motivo da chacota de lado e implantei o primeiro Grêmio Estudantil. A mudança e o reconhecimento que não encontrei no trabalho, encontrei no Grêmio. Lembro-me que tudo foi elaborado por nós, todo o processo eleitoral, as propagandas e até mesmos os projetos. Partíamos dos problemas da escola e elaborávamos os projetos a partir dos alunos.

A Partir do Grêmio, me envolvi no movimento estudantil municipal e passei a discutir a educação. Assim, o Grêmio Estudantil me possibilitou outros caminhos, pois através dele criei um



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

projeto de leitura e, com o governo recém eleito do PT, fui convidado a ir para a escola desenvolver o projeto, porém os pedagogos da Secretaria da Educação alegavam que eu não poderia executar o projeto, pois não tinha formação. Desta forma, me desafiei e assim mesmo fui para as escolas, desenvolvi o projeto por 3 anos até que resolvi buscar um curso superior, onde ingressei na primeira turma de Psicopedagogia do UNIFIEO. No curso, conheci um professor que me apresentou uma disciplina sobre a história da criança e do adolescente. Na disciplina, despertei para luta e sai candidato ao Conselho Tutelar e ganhei a eleição, foi onde conheci o adolescente Carlos e com ele a realidade da situação da criança e do adolescente no município.

A VIDA DE CARLOS, “O EDUCANDO”

Carlos foi abandonado pela mãe aos seus 2 anos de idade ; neste período passou a morar com a sua avó, porém, a mesma o agredia com um tamanco. O adolescente, na escola, manifestava sua condição no mundo, portanto, apresentava alguns comportamentos de violência reproduzindo a relação do seu cotidiano.

Carlos tinha um irmão e a referência dele era importante para o adolescente; entretanto, este irmão foi assassinado pelo tráfico e tal assassinato leva Carlos a buscar vingança; neste sentido, o adolescente entrou para o tráfico; seu comportamento se tornou ainda, mas agressivo, e ele chega a ser espancado na escola. Nesta situação, Carlos passou a ser atendido pela rede de atendimento à criança e ao adolescente no município, porém, incompreendido em sua história, cristaliza-se ainda mais sua situação na rua, ampliando sua referência com o tráfico de drogas.

Quero matar todos. Quero vingança, morte aos vermes, aos caras que mataram o meu irmão e a estas pessoas (fala de Carlos).

As vivências do adolescente dificultavam novas possibilidades de estabelecer uma relação de confiança, agravando ainda mais sua situação nas ruas.

este menino já teve várias oportunidades, ele não quer nada. Sua avó é boa, mas quer ficar na rua. Nós oferecemos o abrigo, mas ele não quer. Deste jeito não dá, o que ele quer é ser um marginal (fala de um educador).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Os educadores e as instituições já haviam destinado o adolescente ao fracasso. Os projetos e as ações oferecidas a Carlos como oportunidade não conseguiam envolvê-lo, pois não compreendiam sua realidade e não conseguiam problematizar com o adolescente para que houvesse as mudanças, pelo contrário, reproduziam as mesmas situações.

O encontro de Carlos com Francisco

Relato de Francisco:

Eu encontrei Carlos pela primeira vez em uma delegacia de polícia por furto, no primeiro momento que o abordei, agi igual a todos. Dei uma bronca e questionei sobre a sua situação. Mas depois de algumas horas passadas, percebi que não havia feito uma abordagem justa, pois estava repetindo o que os outros já haviam feito por diversas vezes. De forma descontraída deixei as cobranças de lado e comecei a conversar com ele sobre outras coisas; falei da minha vida e do sentido de estar no Conselho Tutelar, ; falei das coisas que apreendi em minha busca, com o Grêmio Estudantil.

Carlos passou a dialogar, se abrindo, falando de suas vivências; nestas falas o mesmo relatou sua experiência com o xadrez. Apresentou o jogo como algo extremamente importante para ele. Fiquei com aquilo na cabeça e então comprei um tabuleiro de xadrez para ele; entretanto, ao dar o tabuleiro, disse a ele que não era somente para jogar xadrez, mas para jogar a própria vida.

Com o tabuleiro, iniciamos a primeira partida; no primeiro momento, o adolescente me ensinou a jogar, . Consequentemente, no processo durante o jogo, o adolescente foi me relatando todos os seus segredos e suas experiências na vida, na medida em que colocava, eu as problematizavas no tabuleiro. Com ele, íamos transformando um jogo em um espaço onde se materializava as nossas histórias. No tabuleiro, por meio dos relatos de Carlos apareceram testemunhos da realidade no qual crianças e adolescentes se encontravam; apareceram as violências que ele havia sofrido, e suas estratégias de sobrevivência.

Ele também as problematizava comigo; conforme íamos jogando, íamos desvelando nos as situações vividas, as dele e as minhas, as contradições existentes no mundo. Este processo desvelou as relações das pessoas e das instituições no trato com as crianças e adolescentes. No tabuleiro, discutíamos o sentido de oportunidade, a situação das famílias, o mundo do tráfico e das drogas, as estratégias de crianças e adolescentes para sobreviverem perante as desigualdades sociais. Carlos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

não só trazia a vida dele, mas as dos seus companheiros que estavam vivendo nas mesmas condições, . Este processo não só tirou Carlos das ruas, do tráfico e das drogas, mas também nos levou a problematizar a situação da criança e do adolescente no município, e, conseqüentemente, ao engajamento na luta pelos direitos.

Criamos o Fórum de Defesa dos Direitos da Criança e do adolescente; estamos denunciando juntos a falta de compromisso dos órgãos representativos e os responsáveis pela formulação da política da infância; com outros atores, lançamos bases para criação de um Fórum dos Direitos humanos, visando a transformação das formas do município em idealizar e executar as políticas públicas.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Os relatos demonstram um engajamento de ambos em suas biografias, porém, tal engajamento se faz no sentido:

Os homens, em sua base real, buscam estratégias de sobrevivência e construção de uma vida nova. Essa procura talvez signifique a necessidade de encontrar o sentido da vida, ser acolhido e estimulado a caminhar como criador de seu destino, torna explicável e claro aquilo que se encontra confuso e oculto (Souza Neto, 2002, p.69)

A ação se fazia presente na busca pela existência de ambos, por mais que tais buscas estivessem ocultas e imersas numa realidade existencial. Diferente de um projeto prescrito, Francisco e Carlos fizeram de sua situação no mundo o encontro no qual os envolviam imersos sobre uma realidade os seus temas geradores.

Mediante aos seus temas, problematizaram o mundo a partir da opressão e suas causas, fazendo objeto de suas reflexões a situação que os desumanizava e mediante o desvelar da realidade partiram para um engajamento crítico para a transformação da realidade.

Portanto, diferente do protagonismo, o engajamento é um processo que faz parte da natureza do homem, porém, esta ação pode estar imersa a uma dualidade existência do sujeito no qual o mesmo não tem clareza. A práxis educativa do educador comprometido com a libertação não consiste em alienar o sujeito em uma consciência ingênua, que nega os conflitos, oculta as desigualdades sociais, mas sim numa educação problematizadora, em que educador e educando, ao



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

problematizar sua realidade, constróem possibilidades de se engajarem com autonomia e liberdade em sua ação no mundo.

Esta ação não consiste na reprodução de um discurso ou de uma concepção, mas na criação autora dos envolvidos no sentido de reescreveram a partir do encontro e do diálogo suas histórias.

BIBLIOGRAFIA

CALIL, Statamato, Maria Izabel. Protagonismo Juvenil. São Paulo. 2008. 222.P. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica/ PUC. SP.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido, 17^a. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. (org). Paulo Freire: uma bibliografia. São Paulo. Ed. Cortez. 1996.

GRAMISC, Antônio. Concepção dialética da história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

Silva, R. &. Moura. R e Souza Neto (org.). Pedagogia Social. São Paulo. Expressão Arte e Editora, 2009.

Souza Neto. Crianças e adolescentes abandonadas: estratégias de sobrevivência. 2 ed. Arte Impressa, 2002.

SOUZA, Regina Magalhães de, O discurso do Protagonismo Juvenil, São Paulo, 2006.